

CONVERSA SOBRE O TEMPO

“Por seres tão inventivo

E pareceres contínuo

Tempo, tempo, tempo, tempo

És um dos deuses mais lindos

Tempo, tempo, tempo, tempo”

(Oração ao Tempo, Caetano Veloso)

Oração ao Tempo é o nome da canção que abre nosso editorial. Nela, Caetano Veloso faz uma série de pedidos a esse senhor, que parece controlar tudo e todos. Oração ao Tempo é, principalmente, um convite para que abracemos o tempo como amigo e em suas diferentes formas. Porém, como fazer isso no momento em que o tempo, esse deus tão inventivo e com aparência de continuidade, parece ter parado?

A Pandemia do Novo Coronavírus colocou o tempo no centro do debate. Porque a necessidade de realizar o isolamento social – isso para quem pode se isolar, vale a ressalva, já que sabemos que essa não é uma possibilidade para todo mundo – provocou um corte, uma interrupção nas rotinas, nos planos e projetos e passou a exigir uma nova temporalidade. Nesse sentido, a capacidade inventiva do tempo nunca foi tão importante. Tanto para adequar os tempos do trabalho e as rotinas para uma nova realidade, quanto para inventar novos hábitos, práticas, *hobbies*, receitas culinárias e tudo que for possível para fazer “passar o tempo”, nos momentos em que achamos que já fizemos todo o possível dentro de casa e ele segue implacável, quase numa recusa vaidosa de contribuir e “passar logo”.

O tempo, como um marcador de períodos, é utilizado para diferenciar essas temporalidades. De uma saudosa vida e “normalidade” antes da pandemia – quando a gente ainda podia sair, quando ainda estávamos tendo aula, no Carnaval, quando a gente ia naquele bar – e de uma esperança fraca, quase inexistente, mas teimosa – quando tudo isso passar, quando as coisas voltarem ao normal, quando a vacina for fabricada. Porque continuar a fazer planos é brincar com o tempo e pedir, quase como uma oração, que ele nos seja gentil num futuro próximo.

E o que falar sobre o tempo da casa e o tempo do trabalho? No texto “Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista” [1], Bárbara Castro e Mariana Chaguri recuperam a ideia de “carga mental”, cunhada pela socióloga Monique Haicault. A carga mental

[1] CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana. Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista. Blog DADOS, 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-cientifica-feminista/>.

refere-se basicamente ao constante cansaço sentido pelas mulheres por estarem pensando no mundo doméstico enquanto estão desempenhando suas atividades de trabalho. Quando estão trabalhando, estão pensando nas tarefas da casa. A casa não deixa de estar presente, mesmo que essas mulheres não estejam fisicamente nas mesmas. Como pensar a carga mental dessas mulheres quando casa e trabalho deixam de estar separadas, ainda que simbolicamente? A separação dos tempos se torna quase impossível, e, no mesmo texto referenciado, as autoras citam uma pesquisa em andamento que aponta para a diferença na percepção de produtividade entre homens e mulheres no *home office*, em que as mulheres avaliam que estão sendo menos produtivas porque são constantemente interrompidas por outras pessoas e outras responsabilidades. O tempo, para essas mulheres, passou a ser algo extremamente cansativo, mais do que a “normalidade” e a carga mental já faziam ser.

O isolamento e sua nova temporalidade também significaram ser tempo de buscar outras estratégias de manifestação política da insatisfação com as medidas adotadas pelo governo federal. O tempo dos painéis marcou bastante os primeiros meses da quarentena, em que, pelo menos uma vez por semana, se ouviam painéis batendo às 17h ou 20h30, durante os pronunciamentos do presidente. Como a nossa forma de “bater painel” é escrevendo e tornando públicas as nossas posições, gostaríamos de reiterar que a Revista *Habitus* é completamente contra o anti-cientificismo, promovido por Jair Bolsonaro e seus ministros, e contra o corte de bolsas de pesquisa pelas agências fomentadoras, dentre outras medidas que foram tomadas durante esse período. Agora, mais do que nunca, é tempo de se posicionar, e a *Habitus* nunca se furtou de tomar posições.

Sabemos que essa interrupção provocada pela pandemia e a sua nova temporalidade fez os planos de vários graduandos, como nós do comitê editorial, precisarem ser adiados e refeitos. Planos de formatura, de pesquisas em andamento, de intercâmbios – todos eles sofreram um corte, e isso causa uma angústia muito profunda, transformando o tempo, que deveria e poderia ser um amigo, em nosso maior adversário. Mas, como colocamos no início desse editorial, a Oração ao Tempo de Caetano Veloso destaca uma faceta muito importante desse senhor: sua inventividade. Para nós, da Revista *Habitus*, que já estávamos sofrendo com as armadilhas do tempo e os atrasos da nossa publicação, as interrupções da rotina e lidar, ao mesmo tempo, com as angústias pessoais dos integrantes do comitê e com o tempo que precisamos dedicar às atividades editoriais da Revista, fez com que não conseguíssemos publicar esta edição antes. Pedimos desculpas à toda a comunidade acadêmica pelo atraso. Entretanto, é utilizando dessa inventividade do tempo e fazendo com que, com ela, nós próprios nos reinventemos, que a *Habitus* apresenta sua 17ª edição. O convite que fazemos, com a Oração ao Tempo, é que todos nós abracemos e nos reconciliemos com o tempo, com as novas temporalidades e façamos o melhor uso possível dessa relação. Essa é a nossa Oração ao Tempo.

Quanto à essa edição, apresentamos oito novos artigos, uma resenha e uma entrevista:

Em “**Participação e expectativas sociais dos jovens estudantes do ensino médio do CEFET-MG**”, Sofia Fernandes apresenta, a partir de pesquisa quantitativa e qualitativa, os diferentes tipos de engajamento coletivo e concepções no âmbito da juventude e

da integração social, além de, pela percepção dos jovens que participam dos coletivos presentes no CEFET-MG, como isso afetou a vida dos participantes.

Victor Pimentel, no artigo intitulado **“Na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença: afeto e política”**, explora as possíveis conexões entre a subjetividade e o campo da política. A partir do exercício etnográfico desenvolvido em um casamento, o autor, com base em contribuições teóricas da antropologia, e especificamente da antropologia das emoções, mas também da filosofia e da psicanálise, aponta para como discursos produzidos no casamento conectam afetos e a dimensão coletiva da política.

A tentativa de localizar as consequências da corrente econômica do neodesenvolvimentismo no recente cenário político e econômico brasileiro é o objetivo do artigo de Maurício Pellini, **“Período Neodesenvolvimentista no Brasil”**. A contribuição do autor é compreender quais são as principais diretrizes desta teoria econômica e como isso foi aplicado no Brasil durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT), em especial no período de 2003 a 2012.

“Narrativas da doença como atos de experiência: Emoções e medicamentos em biografias de mulheres com HIV/Aids” é o artigo de Romário Nelvo. Baseado em etnografia feita com mulheres e mães jovens (entre 20 e 25 anos), portadoras da doença e de territórios periféricos do Rio de Janeiro, o trabalho tenta entender a experiência dessas mulheres privilegiando duas dimensões: as formas possíveis de análise dos seus sofrimentos e como os medicamentos ocupam um lugar central em suas trajetórias.

Jefferson Nascimento, no artigo **“A ‘escravidão’ grega antiga e a escravidão negra moderna: uma análise comparativa à luz das Quatro Similitudes foucaultianas”**, discorre sobre as diferenças entre o sistema escravocrata estabelecido pelos colonizadores europeus entre os séculos XVI e XIX e aquele existente na Grécia Antiga. O intuito é debater os problemas causados pelo uso de um significante comum – escravidão – para fenômenos bastante diferentes. Analisa, ainda, os problemas ainda hoje enfrentados por negros devido à ineficiência da promoção de inserção social pelo Estado brasileiro, o que não acontece com descendentes de escravizados na Grécia atual.

Analisar como a condição de estigmatizado dos estudantes pode ocorrer e como esses alunos lidam com esta condição é um dos objetivos do artigo **“Estigma na escola: relatos sobre os bons e maus alunos”**, de Bruna Navarone Santos. O artigo trata também sobre como essa condição e as expectativas do professores podem influenciar na participação dos estudantes e no seu processo de aprendizagem.

“Pela defesa da moral’: o programa Escola sem Partido como Projeto de Lei em Londrina – PR, constitucionalidade e justificativas em torno da moral” é o artigo de João Victor Teodoro. Por meio de análise documental, o autor comparou o projeto de lei municipal apresentado em Londrina com as principais diretrizes nacionais de educação, para verificar a sua constitucionalidade e analisar como as suas justificativas giram em torno de uma determinada moralidade.

Diego Tavares, no artigo “**A categoria dono-mestre no interflúvio Juruá-Purus do Sudoeste Amazônico**”, se volta para a generalidade da categoria “dono-mestre” como chave para a compreensão da socialidade amazônica. O autor verifica a presença da categoria entre os povos falantes da língua Arawá e entre os Kanamari, falantes da língua Katukina, mobilizando exemplos etnográficos.

A resenha do livro “**Problemática do Saber Histórico**”, de Margarida Sobral Neto, realizada por Hudson Louback, examina a complexidade de se apresentar aos ingressantes na graduação de história os debates teóricos, epistemológicos e práticos que cercam o ofício.

A edição conta também com uma **Entrevista** com o professor Rodrigo Salles Pereira dos Santos, na qual o entrevistado revisita o campo da Sociologia Econômica e as contribuições de suas diferentes linhas analíticas, de modo geral, para o fazer sociológico. Além disso, a entrevista traz análises sobre a atual conjuntura institucional do campo ciências sociais em relação às medidas que reduzem o orçamento destinado à produção científica no país.

Por fim, o Comitê Editorial da Revista *Habitus* gostaria de agradecer a todos que contribuíram com a nossa nova edição. Em especial aos pareceristas que dedicaram tempo e contribuíram garantir a qualidade dos artigos e seu padrão de rigor científico: Andresa Silva da Costa Mutz, Christian Dave Frenopoulo Gorfain, Christian Lindberg, Clarissa Tagliari, Claudia Rezende, Eduardo Brunello, Fábio Fonseca de Castro, Flavio Carvalhaes, Frederico Daia, Gilton Mendes dos Santos, Ivete Almeida, Johana Pardo, Leonardo Carbonieri Campoy, Luiz Carlos Bento, Nuno Bessa Moreira, Ordep Serra, Raquel Guilherme e Valéria Pilão.

Boa leitura! 📖

Comitê Editorial | Revista *Habitus* – IFCS/UFRJ